Anno 16.º — Sabado, 17 de Março de 1923 — N.º 768

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões - AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

BASILIO TELES

Está de luto a Democracia Portuguêsa e, em especial, a velha-guarda republicana.

Bazilio Teles, essa figura singular de pensador evidenciada nos varios ramos do saber, morreu, inesperadamente, ao caír da tarde do ultimo sabado, deixando um vacuo profundo nas nossas fileiras, que ele honrou durante toda a sua existencia, não se desviando, um ápice sequer, da irrepreensivel conduta moral que se impoz e de que é testemunho insuspeito a sua pobrêsa, a quasi miseria em que viveu.

Republicano historico, prestigioso pela sua mentalidade, altivo, duma altivez que ainda depois da hora do triunfo das suas crenças o manteve em constante revolta contra tudo que representasse desonestidade, Bazilio Teles era bem um modêlo de virtudes e, como politico, um digno representante daquela falange que não ambicionava a Republica nem por ela combatia para satisfazer interesses, vaidades insofridas ou calculados desejos.

Tendo entrado no movimento revolucionario de 31 de Janeiro, cuja eclosão se deveu, em grande parte, á sua propaganda falada e escrita, foi obrigado a homisiar-se após a derrota, andando em terras de Espanha de onde surgiu o celebre *Manifesto dos Emigrados*, que tão alto elevou a malograda tentativa republicana em que se envolvera—provou-o exuberantemente—com o fito unico de ver a sua Patria redimida pela Republica, o seu país engrandecido pelo seu ideial de sempre.

Não haja duvidas: Basilio Teles foi um puro, um bom, um justo!

Com ele desaparece uma individualidade de superior talento e baixa á cova um grande espirito, um raro espirito que no sacrificio encontrou o unico consolo para o seu coração de verdadeiro patriota.

Curvêmo-nos, republicanos! Ajoelhêmos perante o cadaver desse homem que, havendo preferido a miseria á opulencia, nos léga o mais alto exemplo de virtude civica!

Viana e Aveiro

Por informações particulares consta-nos que em maio ou junho receberemos a honrosa visita dum grande numero de vianenses, que, durante a sua demora aqui, levarão á scena a opereta *Feiticeira da Fraga*, desempenhada, segundo tambem nos dizem, por um grupo da *élite* daquela encantadora cidade.

Oficialmente, repetimos, nada consta, mas há todas as razões para crer que o boato se transformará em realidade, com o que todos nós, aveirenses, sinceramente rejubilamos.

Recreio Artistico

Esta sociedade local comemora na segunda-feira o seu 27.º aniversario, contando realisar festas de regosijo por esse facto para as quaes teve a gentilesa de nos convidar.

Agradecendo, desde já felicitamos a prospera associação.

A Ria de Aveiro e as suas origens

II

Efetivamente, opina Cereceda, no fim do plioceno deu-se um abaixamento para oeste que provocou a formação das rias galegas.

Esse abaixamento das terras do noroeste da peninsula permitiu a invazão das aguas do mar formando rias profundas, de paredes montanhosas, donde surgem ilhas que não são mais que os restos não submersos da terra que se afundou.

A Ria de Aveiro não é uma ria do genero das da Galiza, classificadas por Richthofen, mas sim um *lido*, semelhante aos do Adriatico, um *haf* semelhante aos do Baltico, uma laguna construida pelo distendimento dum cordão litoral e preenchida por assoreamentos e sedimentações deltaicas em que trabalharam variados elementos: o mar com as suas correntes, as suas vagas e as suas marés; o vento com a sua força mecanica; os rios com as suas areias e as suas vazas, os organismos vegetais e animais, etc.

A Ria de Aveiro é, pois, o produto duma luta prolongada, duma *revanche* morosa e lenta em que a terra, auxiliada por esses elementos e tirando partido das proprias forças adversas, conseguiu afastar a furia do mar que, com a voracidade das suas correntes ou o assomo das suas ondas, a tinha invadido, rasgado e destruido, em longos dias, longos anos, talvez longos seculos tempestuosos.

Ora, segundo De Launay e outros geologos, foi tambem no fim do terciario que derruiu o norte do continente Atlantico, e essa derrocada, que deu a este oceano a sua actual configuração, devia ter provocado a movimentação regular e continua das suas aguas, a formação das suas correntes pelo aquecimento equatorial que produz o *Gul-Stream*.

Uma corrente descendente, como a de Rennel, encostando-se muito á costa, incidiu sobre esta e levou as terras de menor consistencia e resistencia como eram as secundarias.

Entre Angeja e Estarreja o mar chegou a tocar a rocha viva e resistente que em alguns pontos apresenta hoje, sob a lama da laguna, como que diques ou cais de filitos.

O escarvamento da costa não se limitou á região de entre Espinho e Vagos, mas seguiu em direção ao sul roçando o continente cenozoico até ao Cabo Mondego, que apezar de ser secundario, se comportou pela natureza das suas rochas e pela sua tectonica, como um redente ou esporão de defeza continental.

Assim se formou na costa uma grande reintrancia e é nessa reintrancia que se encontra hoje a Ria de Aveiro, como resto da vasta laguna que aqui existiu.

A cronologia deste aparelho litoral, porêm, pode ser, devo-confessar, profundamente alterada com os progressos do estudo da geologia da região.

Este é um dos motivos por que eu me abalancei a esse estudo tão ingrato e dificil e que me tem valido varios diplomas de maniaco com que o espanto duns e a confiança amiga de outros me tem mimoseado...

A escavação da costa, que os mais sérios dados que possuo presentemente me forçam a colocar entre o plioceno e o pleistoceno, passaria para o quaternario, se se provasse que os depositos hoje atribuidos ao plioceno, sobre o senoniano da região, eram do pleistoceno ou mesmo mais recentes.

Devo pôr a duvida e admitir a hipotese, porque tendo sido já um convicto sequaz da edade senoniana das areias de Esgueira, como Choffat concluiu a despeito das suas hesitações, hoje sinto-me muito abalado nessa crença e desejaria poder inclinar-me para uma edade muito mais moderna.

Surgirão provas que nos permitam modificar definitivamente as ideias assentes a este respeito ou formular novas hipoteses ou afastar as duvidas que nos enleiam?

Nas camadas arenosas não teem sido encontrados fosseis. Num banco de grés na Alumieira, ao norte de Mataduços, julguei eu um dia ter achado um fossil que poderia ter para o problema grande importancia.

Infelizmente o ilustre professor da Universidade de Coimbra, a quem o enviei, concluia que se tratava não dum resto animal—que seria impossivel de classificar pelo mau estado em que se achava—mas sim duma concreção grezosa de forma muito semelhante á de um molusco.

E' preciso esperar novas investigações ou alguma descoberta ocasional.

Passaremos a outra questão: as variações do nivel relativo da terra e do mar, influenciando a formação e a fisionomia da Ria no correr dos tempos.

Sobre ela farei tambem apenas sumarissimas considerações compativeis com a indole deste jornal, cuja benevolencia aproveito para nas suas colunas deixar este simples registo, rezervando o desenvolvimento do assunto para publicação apropriada e especialisada.

Alberto Souto.

Novo juiz

Em substituição do snr. Visconde de Olivã, assumiu a presidencia do tribunal da comarca o sr. dr. Adolfo Maria Sarmento de Souza Pires, a quem cumprimentâmos.

Imprensa

«Cartas Monarquicas»

Temos recebido regularmente esta publicação quinzenal do sr. dr. Alfredo Pimenta, que se ocupa, na ultima, da imprensa monarquica da provincia: *a sua função, os seus deveres, a sua utilidade.*

«A Garrocha»

Recebemos a visita deste novo jornal que principiou a publicar-se no Porto e se diz orgão dos alunos da Faculdade de Letras da Universidade, agora em cheque por virtude duma campanha contra ela levantada por um ex-professor, natural desta cidade.

Da primeira á ultima linha contém um ataque cerrado ao aludido cavalheiro, não tratando doutra coisa.

A CARESTIA

Vai num crescendo assustador o preço de tudo quanto se torna necessario á vida, sem que surja da parte dos poderes constituidos a mais insignificante providencia que atenue, ao menos, a desordenada corrida que leva a maior parte dos artigos considerados indispensaveis.

Verdade seja que, por outro lado, o luxo é cada vez maior, concluindo muita gente que se ha dinheiro para ostentações tambem para o resto ele existe. Não deve servir de regra este argumento porque se muitos não pensam no dia de ámanhã a maior parte do país tem a preocupação de que caminhamos direitos ao abismo e isso devíam os governos evitar, poupando á Republica a vergonha do desastre e á nação o perigo de se perder arrastada pela miseria moral de uns e pela incompetencia, pelos desatinos ou falta de criterio dos outros.

Por toda a parte ouvimos que isto não póde continuar e que o problema se não resolve com constantes aumentos ao funcionalismo nem com as ininterruptas emissões de notas postas a circular. E' certo. E porque assim acontece é que nós bradâmos que ou isto toma imediatamente um novo rumo ou alguem terá de intervir de modo a evitar o cataclismo que se avisinha cercado de nuvens negras que já encobrem, em parte, o lindo céo de Portugal.

Notas mundanas

No vapor Beira, *que chegou no sabado a Lisboa, devia ter vindo de Loanda, com sua esposa, o sr. José Moreira Freire, que dentro em breve fixará residencia definitiva em Aveiro.*

= *Esteve nesta cidade o sr. Manuel Dias dos Santos, conceituado ourives em Valença do Minho.*

= *Em carta de S. Tomé anuncia-nos o seu regresso ao continente, no proximo mez, o velho amigo desta casa, sr. Fernando de Assis Pacheco.*

— *Encontra-se encomodado de saude o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Melo, conservador do registo predial.*

Ultima homenagem

Realisam-se ámanhã, na cidade do Porto, os funerais de Bazilio Teles, *a mais alta figura moral e mental* da Republica, no dizer do brilhante publicista dr. Trindade Coelho, cujo cadaver ficará sepultado junto do monumento dos vencidos de 31 de Janeiro, no Prado do Repouso.

O Democrata far-se-ha representar nessa derradeira homenagem, de que o insigne republicano é merecedor, por Humberto Beça, a quem telegrafámos nesse sentido.

Ainda o mitrado

Sabendo-se que o bispo de Coimbra resolveu nos arcanos da sua sapiencia dar mais *uma* em falso no louvavel intuito de endireitar o mundo, interditando a musica do Troviscal por ter acompanhado ao cemiterio um cidadão que entendeu que havia de ser transportado por uma fórma diferente da tarifa imposta pela gente do *sexo eclesiastico;* sabendo-se que dessa sentença resultou qualquer outra, proibindo, em nome da *lei da força*, que na freguesia se celebrem actos do culto enquanto aos musicos não fôr levantada essa interdição, uma coisa nos falta ainda acentuar qual seja a do emprego do termo *parodia* com que o antistete conimbricense aludiu ao enterro civil efectuado.

Uma parodia! Já é ser petulante de mais. Mas maior do que essa petulancia é a ignorancia crassa do mitrado a respeito do papel que desempenha como representante duma sociedade religiosa que, toda ela, é uma copia, uma parodia indecente e vergonhosa das antigas religiões da India, Persia e Egipto.

E o bispo? Não será tambem uma *parodia*, desde a mitra até aos sapatos de entrada baixa?...

A sua corôa é uma parodia. E o vinho da sua missa, o pão da sua hostia, o seu voto de castidade, os 12 apostolos, a trindade, a virgem, o incenso, o Natal, a Pascoa, as vestes, as cerimonias, os dogmas, as praticas cultuaes, as galhêtas, o rosario, a batina, a estola, o barrete, o solideo, o baculo, o anel, a tiára, a cara rapada, a oração, o padre nosso, a confissão, os concilios, as procissões, tudo, tudo isso são exibições que mostram claramente que o sistêma catolico de que o sr. Manuel Coelho é categorisada figura conceira não passa duma autentica, completa e grotesca parodia.

"O Aveiro,,

E' ámanhã, como já tivemos ocasião de dizer, que se realisa, pelas 14 horas, no edificio do Posto Maritimo de Desinfecção, em Leixões, uma sessão solene, á qual assistem os srs. Ministro da Marinha e almirante Hipacio de Brion, inspector do Instituto de Socorros a Naufragos, para a entrega ao nosso conterraneo José Rabumba, o *Aveiro*, do colar de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada, de Valor, Lealdade e Merito com que foi condecorado pelo governo da Republica depois do naufragio do lugre-escuna *Feliz*, ocorrido em 3 de fevereiro de 1922 á entrada da barra do Porto.

No decorrer desse acto serão tambem distribuidos premios pecuniarios do govêrno da Dinamarca e de Walter Bensaude pelos tripulantes do barco salva-vidas *Leixões*, assim como uns alfinetes de ouro, com o emblema de salvação, oferta dos Bombeiros Voluntarios de Matosinhos—Leça da Palmeira, que os adquiriram com o produto da subscrição publica por eles abêrta para a compra do colar e cujo acolhimento se verifica ter sido dos mais lisongeiros a ponto de permitir um saldo apreciavel para o fim a que se propozeram ligar o nome da benemerita corporação.

De Aveiro, além das duas bandas de musica, irão assistir ás festas em honra do nosso patricio, representantes de quasi todas as associações e clubs locaes, uma deputação da Câmara e avultado numero de pessoas, principalmente da beira-mar, onde habita a familia do homenageado, autentica gloria entre os heroes, que, para acudir ao seu semelhante em perigo, arrostam com a furia das vagas, pondo as mais das vezes em jogo a propria vida.

O *Democrata*, que acaba de

Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro

(Nota oficiosa)

A Junta Autónoma logo que fez a sua instalação nos termos legais, procedeu ao inventario e elaborou, discutiu e aprovou o Regulamento dos seus serviços que foi entregue ao governo para ser aprovado por decreto.

Sendo, porém, necessário introduzir algumas modificações no decreto n.º 7:880 que criou a Junta, o qual saiu com varios erros, é possivel que o governo precise de autorização do Parlamento que o sr. Ministro do Comercio solicitará, pois que a Junta, sem essas modificações não poderá dar o desejado andamento aos importantes trabalhos que lhe foram confiados, nem obter as devidas receitas.

A Junta resolveu, emquanto o governo não aprovou o seu Regulamento, mandar proceder á reparação de barcos e mais material flutuante, preparar a doca da draga para a recolha e concerto desta, reclamar dos Transportes Maritimos do Estado a indemnização devida pelos prejuizos sofridos no seu material com o salvamento do vapor «Desertas» e efectuar as obras necessárias no cais de S. Jacinto onde os ultimos temporais fizeram grandes estragos.

Emquanto não tiver engenheiro que superintenda nos trabalhos, e não estiver habilitada a encetar as grandes obras em projecto, pensa a Junta em proceder a algumas reparações e dragagens mais urgentes, remodelar, de acôrdo com a Universidade de Coimbra e Ministerio da Marinha, o seu serviço de observações meteorológicas e hidrógraficas, instalar um serviço de aguada em S. Jacinto, liquidar as dividas da Junta Administrativa extinta e montar a sua secretaria, arquivo e contabilidade.

Benemerencia

Acusamos a recepção da mensalidade de 1$50 com que o sr. dr. Artur Pinto Basto, de Oliveira de Azemeis, vem socorrendo a infeliz Maria Fartura, em nome de quem agradecemos.

Banco Regional de Aveiro

Temos presente as contas da sua gerencia durante o ano de 1922, que, acusando lucros apezar da situação dificil que atravessamos, demonstram quão proficuos tem sido os trabalhos dos directores, os nossos amigos e estimados conterraneos, srs. Antonio Henriques Maximo Junior, Pompeu da Costa Pereira e dr. Alberto Souto.

O Conselho Fiscal, que é composto pelos srs. Antonio Maria Ferreira, dr. Lourenço Peixinho e Manuel Lopes da Silva Guimarães verifica, no seu parecer, com o maior agrado, que o Banco Regional de Aveiro continua a prestar grandes beneficios á nossa praça e que prossegue nos seus negocios com um aumento crescente de clientela e movimento que faz prever os resultados mais animadores, augurando-lhe, por isso, um largo futuro.

Pela nossa parte são esses tambem os nossos desejos, além do mais, por se tratar duma iniciativa de aveirenses e onde trabalham aveirenses que muito se tem distinguido pelo seu zelo e honestidade.

Sem classificação

No orgão democratico local apareceu ultimamente um *Antonio de Niza* a quem o nosso colaborador *João do Caes* acaba de arranear a mascara, apresentando-o tal qual é: um garotelho com pretenções, mas de tal sorte contaminado pelas ideias jesuiticas, que de bem novo perdeu a noção da honra em que a mocidade se costuma inspirar quando se apresenta em publico falando ou escrevendo.

Expliquêmos: *João do Caes*, no artigo que ha quinze dias escreveu neste jornal teve uma passagem onde empregou a palavra *encravar*. O tipografo, porêm, entendeu *encabar* e assim compoz até que a revisão lhe indicou a asneira para que a emendasse. Mas a emenda por sua vez, tambem não foi tão completa que evitasse o estorpeamento do termo pelo que o tal garotelho, de parceria com individuos do seu estôfo, *jornalistas* do mesmo quilate, vem censurar *João do Caes* por o seu desbargamento de linguagem, decretando-lhe a morte em seguida.

Se se tratasse doutra creatura que não fosse a raquitica e fedorenta vergontea do sacristão de Santo Antonio, nós saberiamos dar-lhe a resposta em harmonia com os seus verdes anos. Assim, deixâmo-lo entregue a *João do Caes*, certos de que, *mesmo morto*, não lhe faltará espirito para se ocupar do pequeno, dizendo da sua justiça.

DE ACORDO

O orgão democratico diz que era de toda a conveniencia evitar que os moradores da Rua Miguel Bombarda a transformem em saguão. dando aos que por ela passam uma triste ideia da nossa limpesa vendo as valêtas emporcalhadas e tão mal cheirosas que obrigam a tapar o nariz.

De acôrdo. Mas se o orgão não quer, faça com que os seus correligionarios da Camara pugnem pela abertura do cano de esgôto ha muito reclamado por nós, e verá como a *imundicie* desaparece.

Ou julga que os moradores hão-de beber as aguas da limpêsa das suas casas ?!...

Exposição de desenhos

As meninas Mirandas, filhas do nosso velho amigo, sr. Eduardo Pinto de Miranda, abriram, no salão do *Club Mario Duarte*, a sua anunciada exposição de desenhos, que tem sido muito visitada e devidamente apreciada.

Os seus trabalhos, todos a claro-escuro, copias, revelam, sem duvida, profundas aptidões para a arte de Piazzeta, o melhor interprete de claro-escuro, o que nos leva a augurar ás duas jovens um logar de destaque entre os artistas deste genero.

Alguns quadros expostos foram vendidos, circunstancia que serve para demonstrar o muito apreço em que os visitantes tomaram o curioso certamen.

Pela nossa parte só temos que nos congratular pelos loiros colhidos pelas interessantes meninas, que nos dizem serem tambem distintas tocadoras de violino, como revelaram num sarau ha pouco realisado na mesma causa.

Por Oliveira de Azemeis

O meu julgamento e... "Justiça de Castela,,

Vou acabar com o rozario, porque á clarividencia está demonstrado que o sr. dr. Juiz desta comarca, o fabricante da minuta do *Cerol*, envergonha a digna e ilustrada classe a que, por mero capricho da sorte e por uma extraordinaria maguanimidade, ainda pertence. Se o Antonio Joaquim fosse sugeito a um exame medico-legal, cujos examinadores não tivessem o estofo moral e intelectual dos que, com arrogancia e sem escrupulos, em publico e no poder judicial, defenderam os *Castros-Leões*, tentando em exaustivos esforços provar a nobreza da sua obra, d'essa roubalheira para que houve tanta mesericordia; se um homem de irrefutavel probidade sindicasse os cartorios d'esta comarca, apontando as miserias juridicas e psiquicas que este maligno magistrado aos montes espalhou; e se *as classes dirigentes do nosso paiz não sofressem actualmente de crise moral que, se fôr duradoura demais, subverterá a Patria e a Republica*, todos, peritos, sindicantes e dirigentes, empunhando elementos de valor incontestavel e provas esmagadoras do seu desiquilibrio e devassidão, sentenciavamno, com o mais generoso rasgo de justiça, a passar o resto dos seus dias a apascentar, á sombra das suas oliveiras, *a sua pureza quasi angelica*, rezando em côro com aqueles cuja *respeitabilidade está fóra de toda a suspeita, ao Deus da sua inabalavel Fé.*

Era esta suave pena que devia sem delongas ser imposta ao homem que tem a petulancia de presidir aos tribunaes d'esta comarca, sentando-se, sem o mais leve remorso, na cadeira d'onde tantos homens de bem e ilustres juizes mostraram a beleza dos seus sentimentos, o brilho da sua erudição, as centilações do seu talento. Se este juiz fosse um homem que tivesse a sensibilidade precisa para descernir o bem do mal, o justo do injusto, o legal da prepotencia, a dignidade da podridão, e que tivesse o desassombro de olhar sobranceiro e com relutancia para a emulação de discolos, repelindo oferecimentos que são insultos e despresando dadivas, que são compromissos aviltantes, já ha muito tempo, quasi logo depois dos primeiros passos na carreira da magistratura, tinha escolhido outro oficio que melhor se harmonizasse com a sua sentimentalidade, sem contudo deixar de lhe abarrotar a bolsa. E ha tantos aonde se podia empregar e aonde a sua consciencia, que aceita tudo o que o estomago não regeita, se refestela qual guloso pregador em copa de convento de freiras!...

Mas, não. Sua Excelencia sente-se satisfeito, porque do tribunal faz casa d'arte e oficios, da béce rodilho de cosinha, dos codigos caldeirão e da pena chicote d'almocreve. A vara da justiça faz-lhe crescer os proventos nas caixas bancarias e é isto o que lhe importa.

O sr. dr. Juiz é, finalmente, um homem que trabalha para enriquecer. Tudo o que lhe dão, é lucro, todos os meios que rendem, são dignos.

Parvo é aquele que deixa perder um ceitil só por pensar que essa migalha pertencia de direito a outrem. Quem tem consciencia e dignidade não tem jús a viver.

E' assim este sr. dr. Juiz!

Mas... porque não fazem os Castros-Leões uma sociedade de exploração continua em que se mostravam já eximios, metendo como socio o Antonio Joaquim? E' que este pae do *menino Jesus* joga só pela certa e não tem confiança nas partidas dobradas do prototipo da sucia: tem receio de que nas partilhas se zanguem e perca a protecção dos Camilos. Trabalhar por conta, mas receber sò, eis o lema do Antonio Joaquim. Mas agora reparo que no rozario ha ainda tres contas negras. Vamos a elas para o arremessar ao charco da ignominia aonde chafurda com vivacidade.

* * *

Na opinião d'um erudito escritor dos nossos tempos — *Deus é amor, piedade, caridade, bondade.* E o sr. dr. Juiz desta comarca, que fala em *Deus, em quem deposita a sua inabalavel Fé*, accionará estes predicados para ser um verdadeiro crente e ser acreditada a sua fè, o seu juramento sagrado? Não. O sr. dr. Juiz é um impostor, um mentiroso. Fala em Deus para se arranjar melhor e enriquecer mais e mais depressa; bate no peito para encobrir o seu sentimento; jura pelos evangelhos d'uma religião, que não sente, para ninguem ter a ousadia de levantar a cauda do manto com que encobre o seu denegrido passado e a sua pustulosa alma. O Antonio Joaquim é um refinado traficante. Aonde se alberga a mentira pode-se consagrar o amor? Não. E, como provado já ficou, o sr. dr. Juiz mente sempre por habito e interesse.

Quando alguem lhe cai nas garras e tem por padrinho o odio d'um inimigo poderoso e rico o sr. dr. Juiz condemna sem provas, contra lei, metendo na cadeia os braços daquele que era o sustento d'um lar que definha e chora de fome e frio, e extorquindo, com requintada maldade, com revoltante injustiça e com reconhecida ilegalidade, as pobres economias de tantos trabalhos e privações dos que mourejam dia a dia. O sr. dr. Juiz é o antipoda da caridade, da bondade e da piedade. E' negação completa desta divindade. E quem jura falsamente por Deus, é para tirar a vida, a bolsa e a liberdade ao homem que trabalha para viver honradamente.

E o sr. dr. Juiz jurou por Deus!

Nem outra nobreza era de esperar, porque durante o meu julgamento, por mais duma vez declarou que não queria saber do que se passava nesta comarca, que não ouvia o rumorejar das queixas nem o tumultuar das paixões, que reerguiam e debatiam fóra d'aquele tribunal, e a cada passo minuciosamente desenrolava as intrigas que se urdiam nos soalheiros e envenenavam caracteres! Quando se relatavam factos passados que me favoreciam, o sr. dr. Juiz de nada sabia nem queriá saber; quando alguma intriga ou infamia tinha corrido nos bastidores da *élite*, que deixou marcada nos haveres da *Cooperativa* as impressões digitalis, me causticava, o sr. dr. Juiz, de pergunta em pergunta, empelia a testemunha para o fim desejado e prometido, enredando-a ou insultando-a se preciso fosse. O sr. dr. Juiz esforçava-se para não passar por mulher de soalheiro, mas a cada passo picava-se no fuso e mordiscava o fio. E toda a gente sabe que este magistrado tem ao seu serviço particular, para saber de toda a maledicencia, aguazis de nojentas bajulações.

O sr. dr. Juiz convenceu-se de que os habitantes desta comarca eram batatas que podia fisgar pela calada da noite sem um grito, sem um protesto. Pode-se morrer de fome, pode não haver ceia, mas dorme-se com a consciencia tranquila. A verdade acima de tudo.

* * *

A ultima conta negra. Durante o meu julgamento o sr. dr. Delegado d'esta comarca declarou em plena audiencia que só me conhecia de me ter cumprimentado 2 ou 3 vezes não podendo por isso ter qualquer impressão sobre o meu caracter, desconhecendo o meu comportamento, as minhas qualidades civicas, os meus principios politicos, o meu ideal.

Mas ao minutar a apelação de sentença, o sr. dr. Delegado diz de mim o que Mafona não disse do toucinho. Eu era nessa altura um pessimo caracter, um falso republicano, um homem sem ideal e sem principios. Era, na sua opinião de momento, um autentico malandro. E contudo o sr. dr. Delegado, durante o meu julgamento, tanto no tribunal como cá fóra, não estreitou as suas relações comigo; continuou a cumprimentar-me como até aí, a estender-me a mão com amabilidade e cerimonia. A impressão que tinha colhido directamente antes do julgamento, era a mesma que colheu atè ao escrever da sua minuta. E depois desta escrita á maquina, luxo que, segundo consta, sua ex.ª não possue, não deixou, em qualquer parte que me encontrasse, de ser o primeiro a estender-me a mão! Não tem receio de a conspurcar ao contacto com a minha. Porque será? E' porque ele sabe perfeitamente que as minhas mãos não sujam ninguem. Então porque escreveu esses insultuosos e mentirosos qualificativos? Pela mesma razão, com certeza, por que declarou na minuta, ao juntar documentos roubados e á Cooperativa respeitantes, que lhe tinham vindo pelo correio, não reparando que o escrivão Andrade tem lá a sua assinatura e não justificando esta sua afirmação. Estas contradições flagrantes e de alto significado rasgam-lhe *o manto diafano da fantasia* para patentear *a nudez da verdade.* O sr. dr. Delegado quando minutou o recurso, insultou-me para fazer favores!

Estava tão narcotisado pelo que lhe insuflaram os *Castros-Leões*, que não se lembrou de que em audiencia afirmou que não podiam ser feitas referencias á *Cooperativa* e sua direcção e á minuta juntou documentos a eles respeitantes, sem valor juridico e roubados!...

Como explicar estas reviravoltas e choques? Facilmente. A fragilidade de espirito martelada pela teimosia d'uma devassa convivencia. . . . .

. . . .

O meu julgamento foi modelado pela Justiça de Castela do D. Jaime.

José Lopes de Oliveira
Medico.

A cidade ás escuras

Devido a um desarranjo na maquina geradora da electricidade e ainda á limpesa que esta está sofrendo, Aveiro, de noite, voltou á escuridão das eras remotas em que nem o azeite ainda se empregava na iluminação publica.

E faz tanta falta, a luz...

ASSALTO

Na Rua do Americano um individuo regularmente vestido de sobretudo e chapeu mole, preto, assaltou na segunda-feira, ás 6 horas, uma mulher que se dirigia ao mercado, com intuito de a roubar, não conseguindo, porêm, levar a cabo a proesa por a vitima gritar por socorro.

Estamos arranjados se a moda péga.

Não só temos de usar pistola como tambem não será mau, principalmente as mulheres, trazerem consigo um apito...

receber convite especial, acompanhará os que vão saudar José Rabumba, estando naturalmente confiada ao seu director o desempenho dessa missão.

***

Em sessão da nossa edelidade foi resolvido dar á Arrochela, no antigo bairro do Alboi, o nome de *Rua José Rabumba (o Aveiro)* por ter sido nessa velha arteria da cidade que nasceu o insigne português.

A CARNE

Com o novo esticão que os marchantes lhe deram esta semana subiu para 5$00 cada quilo.

E vivam os que, tendo prometido ao paiz as mais extraordinarias coisas de que todos nós haviamos de beneficiar, acabaram por dar completas provas de incompetencia politica, financeira e administrativa!